

## ENCONTROS E DESENCONTROS DOS CORPOS NA TRAVESSIA DA ADOÇÃO<sup>1</sup>

Luciane de Almeida Pujol<sup>2</sup>, Ana Lúcia Guaragna<sup>3</sup>,  
Bianca Sanchotene<sup>4</sup>, Fabiane Vaucher<sup>5</sup>

### RESUMO

O Núcleo da Adoção do IEPP vem se dedicando ao aprofundamento dos estudos e da prática em psicoterapia da clínica da adoção. Este trabalho pretende abordar alguns aspectos relevantes dessa clínica. A partir da vivência de um caso clínico em psicoterapia de grupo realizada com crianças em processo de adoção, algumas questões se impõem, gerando reflexões. Quais os caminhos possíveis nessa travessia de construção de vínculos? Como são representados, no psiquismo, a mudança no ritmo corporal e o encontro com um corpo desconhecido? E quem está do outro lado? Quem adota, também tem seus registros, suas marcas. A travessia da adoção é uma trama de encontros e desencontros que envolve diversos sujeitos, com suas histórias e seus desejos.

**Palavras-chave:** adoção; vínculo; tempo; rede

### ABSTRACT

#### ENCOUNTERS AND DISENCOUNTERS OF THE BODIES IN THE CROSSING OF ADOPTION

The IEPP's Adoption Core has been dedicated to the study and practice in adoption psychotherapy clinic. This work aims to approach some relevant aspects of this clinic. From the experience of a case of psychotherapy group in the process of adopting some questions impose themselves generating reflections. What are the possible ways in this construct of bond? How is represented in the psychism the changes of the body rhythm and the encounter with an unknown body? And who is in the other side? Adopters also have their records, their brands. The crossing of adoption is a plot of encounter and disencounter involving several subjects, their stories and their desires.

**Keywords:** adoption; bond; time; web

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no 31º Congresso Latino Americano de Psicanálise, em Cartagena, Colômbia, setembro de 2016.

<sup>2</sup> Instituto de Ensino e Pesquisa em Psicoterapia (IEPP), Porto Alegre/RS.

<sup>3</sup> Instituto de Ensino e Pesquisa em Psicoterapia (IEPP), Porto Alegre/RS.

<sup>4</sup> Instituto de Ensino e Pesquisa em Psicoterapia (IEPP), Porto Alegre/RS.

<sup>5</sup> Instituto de Ensino e Pesquisa em Psicoterapia (IEPP), Porto Alegre/RS.

Compositor de destinos  
Tambor de todos os ritmos  
Tempo, tempo, tempo, tempo  
Entro num acordo contigo  
Tempo, tempo, tempo, tempo  
Por seres tão inventivo  
E pareceres contínuo  
Tempo, tempo, tempo, tempo  
És um dos deuses mais lindos  
Tempo, tempo, tempo, tempo  
[...]  
Ainda assim acredito  
Ser possível reunirmo-nos  
Tempo, tempo, tempo, tempo  
Num outro nível de vínculo  
Tempo, tempo, tempo, tempo  
(Caetano Veloso – “Oração ao tempo”)

O Núcleo da Adoção do Instituto de Ensino e Pesquisa em Psicoterapia (IEPP) vem se dedicando ao aprofundamento dos estudos e da prática em psicoterapia da clínica da adoção. Este trabalho pretende abordar alguns aspectos relevantes dessa clínica.

Quais os caminhos possíveis nessa travessia de construções e desconstruções de vínculos? Nas histórias de adoção, temos uma mãe biológica impedida de seguir acoplada ao seu filho. Temos também uma criança que, em função do desencontro com sua mãe, pode vivenciar o luto no próprio corpo. Quais são as marcas da separação? Como são representados no psiquismo a mudança no ritmo corporal e o encontro com um corpo desconhecido? E quem está do outro lado? Quem adota também tem seus registros, suas marcas.

A partir de um caso clínico atendido em psicoterapia de grupo em nossa instituição, foi realizado, por uma das terapeutas do caso, um relato de experiência. O grupo é atendido por uma dupla (terapeuta e coterapeuta) e observado por três colegas em uma sala de espelho. Com base no relato a seguir, propomo-nos a refletir e problematizar acerca da complexa trama que envolve a travessia da adoção, pois entendemos que esta é permeada por encontros e desencontros que envolvem diversos sujeitos, com suas histórias e seus desejos.

#### **RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Hoje, enquanto lembrava de Júlia, muitas lembranças e muitos sentimentos me invadiram. Júlia pequenina, assustada e muito valente.

Lembro-me dela, no início de seu tratamento, arisca, observadora, às vezes parecia inatingível, rosto fechado, semblante árido. Um jeito provocativo, parecendo querer nos convencer de que ninguém poderia tocá-la. Muito habilidosa na arte de afastar as pessoas. Com as outras crianças, ela quase parecia uma adulta, não ria e não se soltava nas brincadeiras, apenas observava. Júlia observou todos por muito tempo, o tempo de Júlia. Foi preciso mais de um ano para que ela pudesse nos mostrar o quanto ainda era uma pequena menina, o quanto desejava um contato. Quantas broncas, cobranças, ataques. Júlia precisava ter certeza de que nós não sumiríamos de sua vida.

Mas, por que precisava de tantas certezas? Aos poucos ela foi nos contando, aos poucos fomos descobrindo, juntando pedaços daqui e dali. No começo, ela era uma menina sem história, ninguém sabia nos dizer onde estavam seus pais ou quantos irmãos ela tinha ao certo. Não sabíamos onde e como viveu antes de ser acolhida. Tínhamos a informação de que ela havia sido acolhida em um abrigo junto com os irmãos. Os motivos do acolhimento das crianças eram negligência, suspeita de abuso sexual e muita miséria. Júlia falava muito pouco de sua história. Em uma sessão, passou a nomear seus irmãos e falou que, além daqueles que foram acolhidos com ela, havia ainda mais três. Falou também o nome de seus pais e nada mais. Parecia desejar falar, mas não suportava ouvir (às terapeutas e a si própria). Quando nos mostrávamos interessadas, ela cortava a conversa. Com Júlia, tudo tinha que acontecer de forma muito delicada. Qualquer intervenção poderia levá-la a mais recolhimento em seu casulo.

Após dois anos de atendimento, víamos uma menina um pouco mais sorridente, que disputava nossa atenção com as outras crianças de forma direta, não apenas se fechando para ser buscada. Ela falava, mostrava que queria que fosse a sua vez nas brincadeiras, no uso da palavra, na busca do nosso olhar. Por vezes voltava a Júlia exigente, que nos dava bronca. Nós suportávamos e suportávamos, buscando acolher e, quando possível, traduzir seus sentimentos.

No início do terceiro ano de tratamento, Júlia e os irmãos foram chamados para uma reavaliação com a equipe técnica do juizado. O objetivo era definir a situação dela e dos irmãos. Na avaliação, foi discutida a possibilidade de ela ser encaminhada para adoção e o grupo de irmãos foi alertado sobre a real possibilidade de não ficarem juntos, pois condicionar a adoção de todos os irmãos pela mesma família dificultaria muito o processo de busca por candidatos. Momento tenso, difícil. O desejo de ter um outro destino, fora do abrigo, chocou-se com a possibilidade de os irmãos se separarem. Após avaliação, o nome de Júlia foi encaminhado para o

Cadastro Nacional de Adoção. A menina estava judicialmente apta para ser adotada.

A partir dessa decisão, a menina mostrava-se mais irritada nos atendimentos, semblante deprimido. Paralelamente a essa situação, outra paciente do grupo de psicoterapia estava em processo de adoção, o que a deixava com muita inveja. Júlia parecia despedaçada. Sentíamos nela um desejo de morte e temíamos por sua integridade. Em meio a tudo isso, algo novo surgiu: Júlia conheceria pretendentes para adotá-la. Era uma possibilidade real de mudar seu destino e, com isso, muitos sentimentos a consumiam. A paciente mostrava-se angustiada, voltando ao seu casulo, procurando recolher-se, parecendo buscar segurança. Falava para a equipe do abrigo, com certo desdém, dos possíveis pais e, no grupo de psicoterapia, evitava falar deles. Acompanhamos uma Júlia tentando elaborar lutos.

O processo de adoção avançou rapidamente e os candidatos a pais logo passaram a reais pretendentes. Assim, o processo de convivência se acelerou. Um novo acontecimento se impôs: a menina recebeu notícias de seus pais. No mesmo momento em que vivia a possibilidade real de ser adotada, a menina reencontrava os fantasmas de seu passado. A pequena valente sentia-se tendo que enfrentar situações de gente grande. E nós, as terapeutas, tão envolvidas com o processo de Júlia, sentimos que precisávamos acompanhar a velocidade dos acontecimentos, que precisávamos ajudar a unir as pontas de um emaranhado repleto de atores: a paciente, a equipe do abrigo, a equipe do juizado, as crianças do grupo de psicoterapia, os irmãos, os pais adotivos e nós. Embarcamos numa jornada, em meio a nossas preocupações e limites, para que Júlia pudesse ter novas possibilidades de dar outros rumos à sua história.

Avaliamos que era importante entrar em contato com a psicóloga do abrigo para entendermos como se daria o processo da adoção. A psicóloga, que era nova na equipe, mostrou-se surpresa com a rapidez e com a forma como a situação da adoção era encaminhada pelo juizado, e confirmou-nos que a adoção aconteceria nas próximas semanas. A menina já estava em convívio com os pais adotivos. A partir dessa conversa, buscamos informá-la de nossa preocupação frente aos riscos de Júlia não suportar essa aceleração do processo, tendo em vista que a menina, em sessão, nos mostrava a angústia vivida. Solicitamos que a psicóloga levasse nossa preocupação à equipe do juizado, sob pena de um fracasso precoce no processo de adoção. Após esse contato, a psicóloga do juizado nos procurou e juntas pudemos pensar sobre o processo de forma mais integrada.

A menina foi, então, adotada e, após alguns meses, fomos informadas de que Júlia estava bem, adaptando-se à nova realidade. Alguns momentos eram mais difíceis, em que ela se mostrava extremamente exigente e opositora. Mas também soubemos que estava conseguindo estabelecer momentos de maior intimidade com seus pais, permitindo que estes a tocassem e lhe fizessem carinhos. Após a adoção, a paciente não compareceu mais ao grupo de psicoterapia. O contato realizado entre terapeutas e juizado permitiu que soubéssemos notícias da paciente, que, em seu tempo, estava estabelecendo um vínculo com seus pais. Entre aproximações e afastamentos, parecia que Júlia vinha tentando se reconstituir.

### **CONSTRUÇÕES ACERCA DA EXPERIÊNCIA**

Através desta narrativa, pudemos reconstruir a história de Júlia. Costuramos diferentes tempos, alinhamos diversos atores que compunham essa trama. Kehl (2009), ao falar das narrativas, ressalta que elas não são uma forma de memorização do passado, mas a própria atualização do passado no presente. Ao narrar nossa experiência, ficou-nos clara nossa inserção nessa trama e também a possibilidade de inserção de quem nos escuta nessa cadeia, tornando todos participantes desta construção.

Encontros e desencontros personificaram-se em diversos atores e vivenciamos, na transferência os reflexos das rupturas, descontinuidades, lutos e urgências. Precisamos sentir, pensar, agir. O tratamento e a comunicação entre todos os envolvidos eram a chance de um novo modelo de identificação para Júlia. De acordo com Peiter (2011), é importante o trabalho para que não somente tenham representações as experiências de desamparo e dor, que imprimem suas marcas, mas também as experiências de acolhimento que promovem processos identificatórios que a criança poderá levar consigo.

Nossa intervenção tinha o objetivo de instrumentalizar Júlia para uma nova experiência que poderia ser vivida como repetição de descontinuidade. Alguns autores nos ajudam a pensar sobre a vivência de separação e os efeitos no psiquismo. Bion (2004) define a pré-concepção como “um estado de expectativa, um estado de mente adaptado para receber uma gama estrita de fenômenos” (p. 38). Podemos pensar, a partir desse conceito, que os ritmos do corpo da mãe, enquanto esta gesta seu bebê, não são encontrados após o nascimento, não há uma realização que corresponda à expectativa, à pré-concepção do bebê. Questionamos quais as marcas desse desencontro, pois sentimos que Júlia estava nos deixando, e ao grupo, de forma repentina, e tememos, através da transferência, a dor de uma nova ruptura em sua vida.

Foi preciso sentirmos isso para tomarmos algumas atitudes. Assim, buscamos a rede e tentamos conectar todos os envolvidos.

Uma criança acolhida, por vezes, possui diversos olhares e cuidados: os educadores e técnicos da instituição de acolhimento, o juizado, os profissionais de saúde que auxiliam em seus tratamentos, padrinhos afetivos, irmãos de acolhimento, algum vínculo com a família biológica, entre outros. Porém, cada olhar vê uma cor, um jeito, um sentido e, a partir de tantos olhares voltados para Júlia, percebemos a necessidade de uma integração e de uma ligação com a rede que envolvia o seu mundo. Guará (2010) afirma que uma rede é um conjunto de nós conectados e cada nó, um ponto no qual a curva se intercepta. Por definição, uma rede não tem centro e mesmo que alguns nós possam ser mais importantes que outros, todos dependem dos demais na medida em que estão ligados. Portanto, podemos pensar na busca da horizontalidade entre as ações que foram sendo tomadas e, conseqüentemente, das relações entre os membros que compuseram essa rede de Júlia. O produto final, podemos observar, consistiu em uma espécie de diversos fios que puderam interligar-se entre si por várias direções, sem que houvesse a predominância de um fio sobre os demais. De fato, a motivação maior nesse caso era a vontade conjunta de ajudar Júlia a enfrentar esse processo respeitando suas dificuldades e valorizando suas capacidades.

Em relação ao papel dos educadores junto às crianças acolhidas, acreditamos que este é essencial e também uma tarefa complexa. Durante o intervalo de vida em que as crianças ficam em instituições, cabe aos educadores promover um verdadeiro amparo ambiental em que elementos paradoxais também estejam presentes, muitas vezes confundindo e atrapalhando a sua prática. É frequente que os profissionais do abrigo desejem uma possível vinculação com as crianças, o que pode dificultar a separação no caso da adoção. Constantemente também são vividos os conflitos de ligar-se afetivamente na iminência de uma separação, temendo infligir dor tanto a si quanto aos acolhidos. O trabalho desses profissionais requer treinamento e apoio constantes, pois eles se colocam em contato direto com as angústias vividas por essas crianças (Peiter, 2011). Por essa razão, concomitantemente ao grupo de psicoterapia, abrimos espaço para um grupo de apoio para os educadores, onde buscamos trabalhar as questões acima referidas. No caso de Júlia, a notícia de sua adoção veio por meio de uma educadora, evidenciando a importância desse espaço para a comunicação, onde puderam ser trazidos dados de realidade, trabalhados posteriormente em tratamento.

Os pais de Júlia também passaram a compor a rede envolvida nos cuidados da menina, ocupando um papel tão aguardado e fundamental. Sua chegada nos evidenciou que o tempo dos pais adotivos também é significativo neste processo de adoção. Ficou claro que é necessário um tempo muito particular para que os diferentes lutos sejam elaborados. A impossibilidade de gerar um filho biológico, a revelação e a apropriação do desejo de adotar e a espera pela vez na fila do cadastro nacional são processos longos e importantes. Vimos que poder conhecer a si mesma, suas motivações, suas verdades, abre uma possibilidade maior para lidar com toda a trama da adoção e com todos os personagens envolvidos. Assim, no encontro com Júlia, os pais adotivos depararam-se com a história pregressa da menina e seus efeitos em seu psiquismo; também depararam-se com sua própria história e com seus medos. Os pais de Júlia puderam contar com a ajuda das terapeutas, com a ajuda da psicóloga do juizado como forma de integrar os vários lados desta história, enfrentando as verdades, mas também respeitando seu próprio ritmo.

Aos poucos, fomos entendendo a distinção dos tempos de todo o emaranhado que envolve os processos de adoção. Como nos traz Paiva (2005), há uma distinção entre tempo jurídico, tempo psíquico e tempo cronológico. No que se refere ao tempo jurídico, esse ocorre quando os pais biológicos são destituídos do poder familiar e a criança torna-se apta para ser adotada. O processo através do qual a criança elabora a separação e se sente apta emocionalmente para a construção de novos vínculos, pode ser longo e se refere ao tempo psíquico. Portanto, mesmo que o tempo cronológico tenha transcorrido longamente desde a privação do convívio familiar e acolhimento em uma instituição, até a inserção no Cadastro Nacional da Adoção, não significa que, para o tempo psíquico dessa criança, tenha sido o suficiente.

Finalizamos esta narrativa com algumas reflexões acerca do processo de adoção de Júlia. Procuramos ser cautelosas e entender os diferentes tempos. Por vezes, os tempos andaram em descompasso. Na psicoterapia em grupo de Júlia, deparamos-nos com nossas limitações para trabalhar as demandas que emergiram de sua adoção, por isso buscamos a rede, a partir dos contatos com o juizado. Podemos pensar que o grupo de atores de cada setor envolvido na vida de Júlia correspondeu a um tempo (jurídico, cronológico ou psíquico). Quando percebemos que os tempos precisavam se encontrar, que o “fuso” precisava ser ajustado, buscamos uma maior integração entre todos, procurando possibilitar uma chance maior de uma adoção bem-sucedida. Desde o início, a paciente nos mostrou que os acontecimentos da vida se impunham de repente, mas não precisavam ser

vividamente isoladamente. Assim como Júlia, precisamos sair de nosso casulo e compartilhar conhecimento e experiência. A possibilidade de integrar esses diversos tempos, a partir da comunicação com a rede, foi uma vivência extremamente rica nessa experiência.

O corpo fez-se presente em muitos momentos como veículo de comunicação. Estando impedida de colocar os sentimentos em palavras, era o semblante de Júlia que mostrava sua angústia. Por vezes, Júlia chegava à sessão calada e encolhia-se na poltrona. A psicanálise evidencia que o corpo fala aquilo que a palavra não pode. O corpo das terapeutas e observadoras também sentia a intensidade do que se passava na sessão. Dolto (2006) atribui ao corpo um papel fundamental. Ao falar de adoção e da impossibilidade dos pais biológicos assumirem seu filho, a autora afirma a importância de poder, através do tratamento, responsabilizar o sujeito por sua própria vida, verbalizando e ajudando-o a sentir que ele tem essa condição, “pois não morreu e seu corpo é o símbolo da presença do sujeito num corpo” (p. 80). Júlia mostrou assumir seu papel de sujeito e vem buscando responsabilizar-se por si mesma, podendo contar com uma rede de sujeitos em sua travessia.

#### REFERÊNCIAS

- Bion, W.R. (2004). *Elementos de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago.
- Dolto, F. (1998). *Destinos de crianças: adoção, famílias de acolhimento, trabalho social*. São Paulo: Martins Fontes.
- Guará, I. M. F. R. (2010). *Redes de proteção social*. São Paulo: Abrigos em movimento.
- Kehl, M. R. (2009). *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo.
- Paiva, L. D. (2005) O psicólogo judiciário e as “avaliações” nos casos de adoção. In: Shine, S. (Org.) (2005). *Avaliação psicológica e lei* (pp. 73-112). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Peiter, C. (2011). *Adoção: vínculos e rupturas: do abrigo à família adotiva*. São Paulo: Zagodoni Ed.

#### Contato:

Luciane de Almeida Pujol  
Email: [lucapujol@gmail.com](mailto:lucapujol@gmail.com)



# PSICOTERAPIA PSICANALÍTICA

Revista do Instituto de Ensino e Pesquisa em Psicoterapia

**IEPP**  
INSTITUTO DE  
ENSINO E PESQUISA  
EM PSICOTERAPIA

Excelência Científica em Psicoterapia

2016

**18**

**PSICOTERAPIA PSICANALÍTICA**  
**REVISTA DO INSTITUTO DE ENSINO E PESQUISA**  
**EM PSICOTERAPIA**

Av. Bagé, 368 – Porto Alegre/RS  
Fones: (51)3333-4801 e 3335-3534  
Sede: Região Nordeste – RS  
Rua Cândido Costa, 24 – sala 1004  
Bento Gonçalves/RS

*Email:* [iepp@iepp.com.br](mailto:iepp@iepp.com.br) *site:* [www.iepp.com.br](http://www.iepp.com.br)



**Nº 18, 2016**

**EDITORA**

Kátia Ferreira Jung

**ASSESSORA DE EDITORAÇÃO**

Eduarda Duarte de Barcellos

**CONSELHO EDITORIAL**

Adriana Fleck • Ana Cláudia Santos Meira • Heloísa Furtado • Livia  
Fração Sanchez • Milena da Rosa Silva • Paula Von Mengden Campezzato

**COMISSÃO DE PUBLICAÇÃO**

Adriana Hentschke • Bruna Bayer • Livia Fração Sanchez • Marina  
Fernandes Guedes

**REVISÃO DE PORTUGUÊS**

Rafael Padilha Ferreira

**COMPOSIÇÃO**

Maria Helena Amaral Cardozo

**IMPRESSÃO**

Evangraf